



ESTATÍSTICAS DO EMPREGO

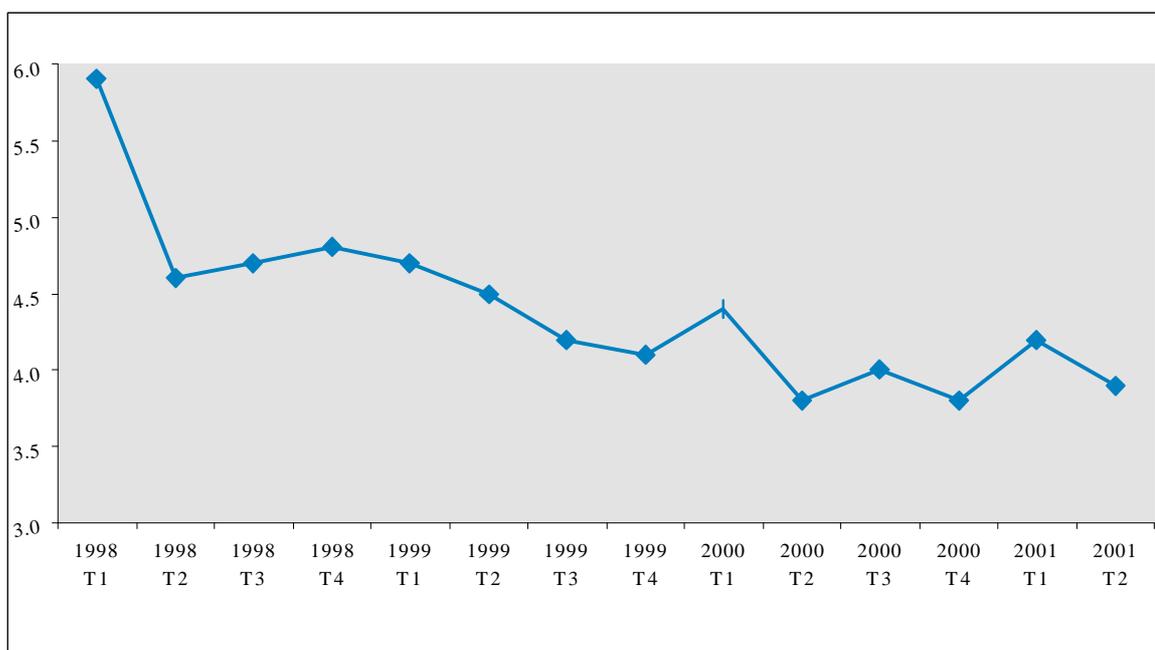
2º Trimestre de 2001

A partir dos dados apurados pelo Inquérito ao Emprego para o 2º trimestre de 2001, obteve-se uma **taxa de desemprego de 3,9%**, constituindo um aumento de 0,1 pontos percentuais face ao mesmo período do ano anterior e uma quebra de 0,3 pontos percentuais em termos trimestrais.

A taxa de actividade neste trimestre é de 51,6%, o que representa uma subida de 0,7 pontos percentuais face ao período homólogo.

Evolução da taxa de desemprego

Unidade: (%)



Principais indicadores

	1999				2000					2001	
	2º T	3º T	4º T	Média	1º T	2º T	3º T	4º T	Média	1º T	2º T
Taxa de actividade (%)	50,6	50,6	50,4	50,5	51,0	50,9	51,3	51,2	51,1	51,7	51,6
Homens	57,4	57,3	57,2	57,3	57,7	57,5	57,9	57,8	57,7	58,2	58,1
Mulheres	44,3	44,3	44,1	44,2	44,8	44,8	45,1	44,9	44,9	45,6	45,5
Taxa de desemprego (%)	4,5	4,2	4,1	4,4	4,4	3,8	4,0	3,8	4,0	4,2	3,9
Homens	4,1	3,8	3,6	3,8	3,7	2,9	3,1	2,9	3,2	3,1	3,0
Mulheres	5,0	4,8	4,7	5,1	5,3	4,8	5,1	4,8	5,0	5,5	5,1
População total (1000) (a)	9 983,8	9 990,9	9 997,9	9 987,8	9 994,2	9 999,7	10 015,1	10 023,6	10 008,1	10 024,1	10 057,9
População activa (1000)	5 055,3	5 052,9	5 043,4	5 046,8	5 100,5	5 089,4	5 135,5	5 127,2	5 113,1	5 180,2	5 187,4
População empregada (1000)	4 827,1	4 840,1	4 836,0	4 825,2	4 875,6	4 897,6	4 928,5	4 932,4	4 908,5	4 962,9	4 983,8
Agricultura	611,7	612,4	610,3	613,3	600,0	613,6	625,4	626,2	616,3	626,0	645,2
Indústria	1 689,9	1 702,0	1 680,7	1 694,4	1 703,1	1 708,5	1 725,5	1 741,4	1 719,6	1 727,5	1 696,7
Serviços	2 525,5	2 525,7	2 545,0	2 516,6	2 572,2	2 575,5	2 577,5	2 564,7	2 572,5	2 609,5	2 641,9
População desempregada (1000)	228,2	212,9	207,4	221,6	224,8	191,8	207,0	194,8	204,6	217,3	203,6
Procura de 1º emprego	33,6	35,7	31,1	34,4	30,1	22,7	30,6	29,3	28,2	29,3	31,1
Procura de novo emprego	194,7	177,1	176,3	187,2	194,7	169,1	176,4	165,5	176,4	188,0	172,4
Inactivos disponíveis (1000) (b)	70,1	75,4	76,7	78,2	68,7	69,6	66,6	69,7	68,6	74,6	68,1
Inactivos desencorajados (1000) (c)	28,1	33,9	37,4	33,8	29,3	25,3	22,6	24,5	25,4	23,6	22,5
Subemprego visível (1000) (d)	54,1	50,3	51,7	52,6	49,3	45	42,2	41,2	44,4	39,6	40,4

(a) Estimativas calculadas com base nos Censos 91.

(b) Inactivos que pretendem trabalhar e estão disponíveis, mas não fizeram diligências nas últimas 4 semanas.

(c) Inactivos que, estando disponíveis para trabalhar, procuraram emprego há mais de 4 semanas ou nunca procuraram, com os seguintes motivos para o desencorajamento: não ter idade apropriada; não ter instrução suficiente; não saber como procurar; não valer a pena procurar; não haver empregos disponíveis.

(d) Empregados com duração habitual de trabalho inferior à duração normal do posto de trabalho, que declaram pretender trabalhar mais horas.

O número de activos regista um crescimento homólogo de 1,9%, resultante, principalmente, da continuação do aumento do número de mulheres activas (+2,2%) e verificando-se em todos os escalões etários analisados.

A população empregada apresenta também variações homólogas positivas em todos os grupos etários e em ambos os sexos, atingindo +1,8% no seu conjunto. A variação trimestral é de apenas +0,4%.

Na distribuição por sector de actividade económica, continua a crescer o emprego nos “Serviços” (+2,6% de variação homóloga e +1,2% de variação trimestral) e no sector de “Agricultura, Silvicultura e Pesca” (+5,1% e +3,1%, respectivamente). No caso do sector primário verifica-se que esta evolução reflecte essencialmente, para além dos factores sazonais, uma variação positiva do número de indivíduos que exercem uma agricultura de subsistência, tendo por base uma reforma ou pensão como fonte principal de rendimento. O sector “Indústria, Construção, Energia e Água” apresenta, face aos dois períodos, variações negativas, salientando-se a “Construção”, com uma variação homóloga de -3,2%.

No que se refere à evolução do volume de trabalho por sector de actividade económica, verifica-se que são os “Serviços” a assumirem o crescimento homólogo mais pronunciado (+2,3%). Na “Agricultura” observa-se igualmente um crescimento, mas menos acentuado (+1,4%). O sector da “Indústria” é o único a apresentar uma evolução negativa em termos de índice de volume de trabalho, decrescendo 1,4% quando comparado com o último trimestre e 0,7% face ao mesmo trimestre do ano anterior.

Índice de volume de trabalho⁽¹⁾
(1º Trim. 1998 : 100)

	1º T1998	2º T2000	1º T2001	2º T2001	Variação (%)	
					2º T2001/2º T2000	2º T2001/1º T2001
Total	100,0	102,6	103,3	103,8	1,1	0,5
Agricultura	100,0	90,3	87,7	91,6	1,4	4,5
Indústria	100,0	101,2	101,9	100,4	-0,7	-1,4
Serviços	100,0	106,9	108,4	109,4	2,3	0,9

Para o cálculo do índice de volume de trabalho considerou-se o número de horas habitualmente trabalhadas, por sector de actividade económica, tomando por base o 1º trimestre de 1998.

Por situação na profissão, o crescimento do número de empregados é mais acentuado nos trabalhadores por conta própria. Refira-se, no entanto, que os valores apresentados para as categorias “Trabalhador por conta própria como isolado” e “Trabalhador familiar não remunerado e outros” resultam de uma reclassificação de determinadas situações, incluídas neste trimestre na primeira categoria.

No caso dos “Trabalhadores por conta de outrem”, a comparação homóloga traduz-se num crescimento de 1,3%, enquanto que face ao trimestre anterior a variação é negativa (-0,4%).

Por último, relativamente ao tipo de contrato, salienta-se o aumento do número de trabalhadores por conta de outrem com contrato a termo (+9,1% e +5,4%, face ao trimestre

⁽¹⁾ O Índice de Volume de Trabalho é um indicador da evolução do Emprego transformado no equivalente em tempo completo traduzido na duração habitual padrão. É determinado tendo em conta o número de efectivos normalizado a esta duração habitual padrão do respectivo sector de actividade.

homólogo e anterior, respectivamente). Os contratos sem termo registam +1,4% que no período homólogo; no entanto, decrescem 1,3% comparando com o 1º trimestre deste ano.

No que respeita ao número de desempregados, neste trimestre apuraram-se 203.6 mil indivíduos, o que se traduz em +6,2% de variação homóloga e -6,3% de variação trimestral. O crescimento homólogo atinge ambas as componentes, mas sobretudo a “procura de 1º emprego” (+37,0%). Na comparação trimestral, o decréscimo do número de desempregados afecta apenas os indivíduos “à procura de novo emprego” (-8,3%), já que a “procura de 1º emprego” regista uma variação positiva de 6,1%.

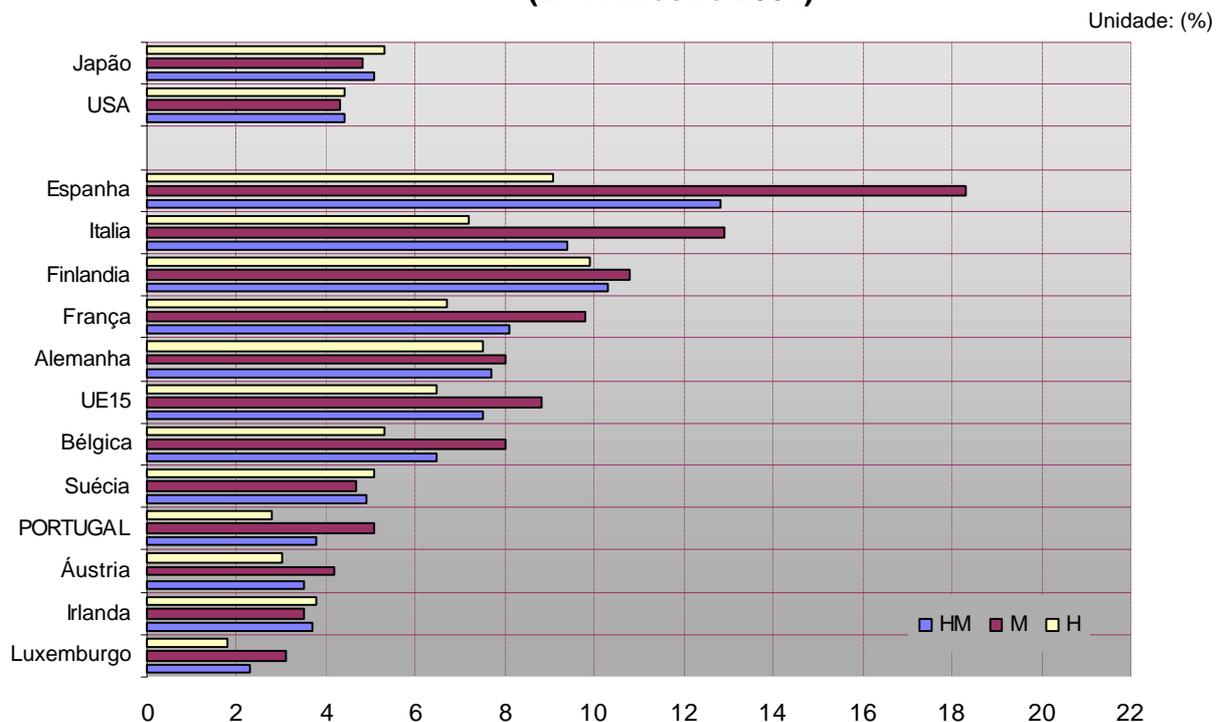
Analisando a taxa de desemprego por região NUTS II, observa-se que o valor mais baixo encontra-se nas regiões Açores e Centro, com taxas de desemprego de 2,1% e 2,3%, respectivamente.

A região Alentejo continua a ter a mais elevada taxa de desemprego (5,5%), representando mais 1,6 pontos percentuais relativamente ao conjunto de todas as regiões. A segunda mais elevada taxa de desemprego continua a pertencer à região Lisboa e Vale do Tejo (5,2%).

As restantes regiões registam taxas de desemprego inferiores à média nacional.

A título comparativo, apresenta-se um gráfico correspondente às taxas de desemprego, estimadas pelo Eurostat para o 2º trimestre de 2001 (última informação trimestral disponível). Como se pode observar, Portugal constitui, com o Luxemburgo, Irlanda e Áustria, o grupo de países que menores taxas de desemprego apresenta no conjunto da União Europeia.

Taxas de desemprego na União Europeia (2º Trimestre 2001)



Fonte: Eurostat